



**ANTONIO MENEGHETTI FACULDADE - AMF**  
**ESPECIALIZAÇÃO LATO SENSU EM GESTÃO DO CONHECIMENTO**  
**E O PARADIGMA ONTOPSICOLÓGICO**

**CLEOCI ROCKENBACH**

**TÍTULO:**  
**PSICOLOGIA E ONTOLOGIA**

**RESTINGA SECA - RS**

**2016**



**CLEOCI ROCKENBACH**

**PSICOLOGIA E ONTOLOGIA**

Monografia apresentada ao curso de Especialização Lato Sensu em Gestão do Conhecimento e o Paradigma Ontopsicológico como requisito parcial para obtenção do título de especialista.

Orientador: Prof. Dr. Alécio Vidor

**RESTINGA SECA - RS**

**2016**



**CLEOCI ROCKENBACH**

**PSICOLOGIA E ONTOLOGIA**

Monografia apresentada ao curso de Especialização Lato Sensu em Gestão do Conhecimento e o Paradigma Ontopsicológico como requisito parcial para obtenção do título de especialista.  
Orientador: Prof. Dr. Alécio Vidor

**Banca Examinadora:**

Orientador: Dr. Alécio Vidor  
Antonio Meneghetti Faculdade

Convidada: Ms. Vera Rodegheri  
Antonio Meneghetti Faculdade

Convidado: Dr. Josemar Soares  
Antonio Meneghetti Faculdade

**RESTINGA SECA - RS**

**2016**



## AGRADECIMENTOS

Agradeço ao Acc. Prof. Antonio Meneghetti, mente brilhante, que dedicou sua vida a dar ao homem o conhecimento prático do próprio projeto de natureza, cujos ensinamentos são provocação e estímulo ao crescimento e aprimoramento contínuos.

Agradeço aos meus orientadores Dr. Alécio Vidor e Dr. Rafael Padilha pelo acolhimento, pela imprescindível orientação, correções e incentivo. O Dr. Alécio indicou o fim último do trabalho, elucidando assim a essência que deveria ser colhida em cada autor. O Dr. Rafael deu a lógica racional para o seu desenvolvimento.

Aos professores e à coordenação do curso, que instigaram a fazer o melhor de mim mesma.



## RESUMO

AUTOR: Cleoci Rockenbach. **Título:** Psicologia e Ontologia. 2016. 36 páginas. Monografia apresentada ao curso de Especialização Lato Sensu em Gestão do Conhecimento e o Paradigma Ontopsicológico como requisito parcial para obtenção do título de especialista. Faculdade Antonio Meneghetti. Curso de Especialização Lato Sensu em Gestão do Conhecimento e o Paradigma Ontopsicológico, Restinga Seca, 2016.

A psicologia é a ciência que se propõe fazer a análise do homem, da sua psique e dos seus comportamentos, mas até hoje tem se mostrado incapaz de dar solução ao problema homem. A ineficiência e incompletude da psicologia foram apontadas por Husserl, pelos psicólogos humanista-existenciais, e mais recentemente por Meneghetti, que, após anos de intensos estudos e verificação prática constata que a psicologia, sem o fundamento ontológico, não é capaz de compreender nem explicar o homem em sua totalidade. A ontologia é a lógica que o ser opera universalmente. Compreendendo este princípio se transpõe o mundo fenomênico, o mundo das aparências e se chega à essência que substancia todas as coisas e que consente conhecer com exatidão. O presente trabalho apresenta inicialmente o entendimento de Lao-Tse e Parmênides sobre o ser e aborda a metafísica de Aristóteles; a seguir apresenta uma concisa abordagem sobre May, Rogers e Maslow; discorre sobre a crise das ciências e a fenomenologia transcendental de Husserl e por fim apresenta a Ontopsicologia como método para chegar a Ontologia. Não se trata de um estudo aprofundado sobre nenhum dos temas ou autores, mas uma sensibilização ao entendimento da importância da ontologia para a psicologia e para a produção de conhecimento. O trabalho consiste em uma revisão de literatura de cunho exploratório.

**Palavras-chave:** Ciência. Conhecimento. Nexo Ontológico. Ontologia. Psicologia.



## ABSTRACT

### **Psychology and Ontology as assumptions to knowledge and evolution of the human**

Psychology is the science aimed to analyze the man, its psyche and behaviors, but to date it has shown being unable to give solution to the problem man. The psychology inefficiency and incompleteness have been identified by Husserl, by existential-humanistic psychologists, and more recently by Meneghetti, that after years of intense study and practical verification notes that psychology, without the ontological foundation, is not able to understand or explain the man in its entirety. Ontology is the logic that the being operates universally. Understanding this principle transposes the phenomenal world, the world of appearances and it gets to the essence that substantiates all things and allows knowing it precisely. This study first presents the understanding of Lao-Tse and Parmênides about the being and deals with the Aristotle's metaphysics; after, it shows a concise approach about May, Rogers and Maslow; discussing also, about the sciences crisis and the Husserl's transcendental phenomenology, presenting in the end the Ontopsychology as a method to reach Ontology. However, this study is not aimed to make a depth investigation about those issues and authors, but it is an awareness for the understanding of the importance of ontology for psychology and for the production of knowledge. This paper consists in a literature review of exploratory nature.

**Key words: Science. Knowledge. Ontological Nexus. Ontology. Psychology.**



## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO .....</b>	<b>7</b>
<b>2 A ONTOLOGIA E O CONHECIMENTO .....</b>	<b>9</b>
<b>3 A PSICOLOGIA HUMANISTA EXISTENCIAL .....</b>	<b>16</b>
<b>4 HUSSERL E A FENOMENOLOGIA TRANSCENDENTAL .....</b>	<b>22</b>
4.1 A CRISE DAS CIÊNCIAS .....	22
4.2 O MUNDO DA VIDA .....	23
<b>5 A ONTOPSICOLOGIA .....</b>	<b>28</b>
<b>6 CONSIDERAÇÕES FINAIS .....</b>	<b>34</b>

## 1 INTRODUÇÃO

As ciências modernas baseiam-se no modelo científico e visão de mundo cartesiano, cuja influência levou a conceber o mundo de maneira mecanicista e reducionista, um mundo meramente material, constituído de uma profusão de objetos independentes, distintos e separados. A psicologia moderna adapta-se ao modelo científico positivista e com isso dedica-se a estudar o homem nos seus aspectos comportamentais e psicopatologias, abandonando a essência do seu objeto de estudo. A ineficiência da psicologia para dar solução ao problema humano foi apontada por muitos, e para compreender e explicar o homem na sua totalidade é necessário o fundamento ontológico. O pensamento filosófico tem papel fundamental na construção das ciências, pois busca as causas e os princípios que possibilitam conhecer o real.

Este estudo se propõe a fazer uma descrição bastante breve de filósofos e psicólogos que abordam o princípio do ser, e tem por finalidade fazer uma introdução para a compreensão do significado mais elevado da psicologia que entende o ser como o fundamento primeiro, cuja apreensão é imprescindível para fazer verdadeira ciência. Não se trata de um estudo aprofundado sobre nenhum dos temas, mas uma sensibilização ao entendimento da importância da ontologia para a psicologia e para a produção de conhecimento.

Na primeira parte apresenta-se a concepção sobre o ser encontrada em Lao-Tse e Parmênides, que discorrem sobre este invisível que sustenta todas as fenomenologias existentes. Em seguida aborda-se Aristóteles, sua concepção sobre a ciência primeira, a metafísica, o seu método de conhecimento através da racionalidade lógica e evidência, e a descrição de termos como sabedoria, essência, causa, princípio, que são alguns dos conceitos que fazem a introdução ao problema do conhecimento. E finalizando o capítulo aborda-se o tema ontologia a partir da concepção de Meneghetti.

Na segunda parte aborda-se os psicólogos humanistas existenciais May, Rogers e Maslow que se preocupavam com o homem sadio e autorrealizado, e buscavam desenvolver as capacidades e potencialidades do humano. Estes psicólogos assinalaram que era necessário restituir à psicologia o sentido do ser, e afirmaram que a quarta onda da psicologia deveria se chamar Ontopsicologia.



A terceira parte discorre sobre a crise das ciências apontada por Husserl, descrevendo esta crise como a ausência de sentido de verdade, e como a ciência positiva parte de uma obviedade não verificada para construir toda a ciência que hoje conhecemos. Aborda-se a diferenciação que Husserl faz sobre o mundo das idealidades e o mundo efetivamente experienciável, o mundo da vida. Tudo que se expõe no mundo corpóreo é um fenômeno que pode ser conhecido com os órgãos da percepção, mas este mundo da vida possui também propriedades espirituais que são conhecidas subjetivamente fazendo-se diversas epochés até chegar à correlação do ente com a subjetividade.

Na quarta parte apresenta-se a Ontopsicologia de Meneghetti, expondo a concepção do autor sobre a psicoterapia e a sua função insubstituível de recuperar a identidade originária do ser humano e assim dar novamente sentido à existência. Esta identidade é denominada Em Si ôntico e é tanto o critério para fazer ciência quanto o nexa que possibilita ao homem retornar ao uno, ao princípio que o constitui. Apresenta-se a análise do autor sobre a crise das ciências e são expostos os critérios usados para fazer ciência, o critério convencional e o critério de natureza, sendo este último o critério que procede por evidência, e que dá a exatidão do conhecimento. Faz-se breve descrição do intelecto, o instrumento que consente ao homem conhecer o real, conhecer o ser, e isto é ontologia.

## 2 A ONTOLOGIA E O CONHECIMENTO

Pode-se dizer que o ser é a plataforma, a base sobre a qual fazer ciência, sobre a qual fazer psicologia. A ontologia refere-se à lógica do ser. Para compreender esta lógica, este princípio, acena-se para alguns filósofos que ao longo da história abordaram esta temática. Dois são os filósofos antigos que trataram com maior intimidade o ser e permitem uma aproximação para a sua compreensão, Lao-Tse e Parmênides.

O livro Tao Te Ching, escrito por Lao-Tse por volta do século VI a.C. possui a essência filosófica-religiosa do Taoísmo. Para a filosofia oriental Tao significa o absoluto, a suprema realidade, a divindade, a inteligência cósmica, a fonte original da vida. Encontra-se em Lao-Tse (2011) o entendimento do Tao ou do Ser como a realidade insondável e inominável, “o Tao que pode ser expresso não é o Tao eterno” (LAO-TSE, 2007, p.21), o Tao eterno, ou o ser é apenas essencial, não podendo ser comunicado, pois se fosse possível verbalizar, descrever não seria mais essência. Ser e Existir são a realidade total. Para o existir o ser total é incognoscível, isto é, usando as lógicas racionais do existir não consegue-se colher a totalidade do ser, é possível colher o ser apenas segundo a medida humana. No entendimento de Lao-Tse (2011, p. 32) “O ser infinito se revela nos existires finitos, é uma ausência invisível que realiza todas as presenças visíveis”. Esclarece o autor que, uma vez que sabe-se o belo pode-se conhecer o feio, quando se conhece o bem se é capaz de reconhecer o mal, assim como o Ser e o Não-ser.

Tao é a origem de todas as plenitudes, seguindo-se o Tao, pode-se conhecer a origem de tudo. O Tao possui três qualidades inseparáveis: invisível, inaudível e impalpável, que juntas formam a Unidade que flui constantemente e não pode ser designada com um nome apropriado. O ser é o princípio gerador da totalidade. Apresenta-se, para a nossa inteligência de existentes, como uma vacuidade, o nada que gera o todo. Para fazer compreender a atuação do invisível no visível Lao-Tse usa a metáfora do oleiro que da argila faz o vaso, demonstrando que o que dá utilidade ao vaso é o oco, o vazio, não a argila. Assim como o vácuo que existe entre as paredes, com suas portas e janelas, é o que dá utilidade à massa, à matéria de uma casa. Complementa o autor “assim são as coisas físicas, que parecem ser o

principal, mas o seu valor está no metafísico (LAO-TSE, 2011, p. 47)”. O ser é imóvel e sem forma, é o vácuo, berço de todos os possíveis.

Outro conceito apresentado por Lao-Tse, sinônimo do Tao, é o conceito de Universo, conjunto de tudo quanto existe; o uno e o verso, o Ser e o Existir, a essência e a existência. O Universo é como o ar que enche um fole, embora vazio e invisível produz força e movimento. Segundo Lao-Tse, o caminho para a compreensão do Universo, do Tao, do Ser é a escuta silenciosa da própria interioridade.

Para Lao-Tse o Sábio é como o Céu e a Terra que são eternos porque não vivem para si, assim o Sábio avança deixando de lado o seu Eu, “é pelo seu desinteresse absoluto que consegue realizar-se” (LAO-TSE, 2007, p. 25), esvaziando-se conserva a paz completa. O autor descreve os sábios como: “cautelosos como quem atravessa um rio no inverno, discretos como quem tem medo de seus vizinhos, reservados como hóspedes em casa alheia, indiferentes como gelo que se funde, naturais como a madeira de uma árvore, amplos como um vale, opacos como a água de um pântano” (LAO-TSE, 2007, p. 31).

Tudo que floresceu e frutificou retorna às suas raízes e ali encontra a calma, encontra o seu destino. Esta é uma lei eterna e quem conhece esta lei recebe a iluminação. Quem, no entanto, não obedece esta lei atrai a própria desgraça. Quem conhece esta lei é tolerante, sem preconceitos, compreensivo e por isso soberano, e assim será Uno com o Tao e estará a salvo de todo mal. Acentua Lao-Tse que os ensinamentos sobre a moralidade e o dever surgiram quando o Tao se perdeu. As desavenças e desacordos familiares fizeram surgir os ideais do dever filial e o amor paterno. Ou seja, sofre-se o mal quando se está fora do Tao e criam-se deveres, morais e regras externas para restabelecer uma ordem que é intrínseca.

Todas as coisas devem ao Tao a sua existência que não rejeita, nem abandona nenhuma. Escreve Lao-Tse (2007, p. 46) “veste e alimenta todas as coisas, mas não se apodera delas”, faz todas as coisas permanecendo sempre inativo.

Parmênides, como todos os filósofos do seu tempo buscava encontrar um princípio último, explicativo de toda a realidade. É o primeiro a compreender que este princípio não se encontra entre as coisas materiais, mas é um princípio metafísico, o ser, “a única categoria verdadeiramente capaz de abraçar todas as coisas e de exercer por isso a função de princípio primeiro de cada realidade” (MONDIN, 1998, p. 67, tradução nossa).

O filósofo expõe seu pensamento através de poemas, dos quais alguns fragmentos encontram-se em Mondin (1998) a partir do qual realizou-se esta breve exposição. Nos seus poemas Parmênides aborda dois aspectos principais: a possibilidade de conhecer e o princípio primeiro das coisas, o ser. Sobre o ser descreve Parmênides

Nunca foi e nunca será. Porque é agora todo junto na sua completude, uno, contínuo. E de fato qual origem ele procuraria? Como ele nasceria e de onde? Do não-ser não te permito dizê-lo nem de pensá-lo. Porque não há possibilidade de dizer ou pensar que não é. E qual necessidade então teria empurrado a nascer antes ou depois, se começa do nada? Assim é necessário que seja em absoluto ou que não seja absolutamente. E nem mesmo do ser a força da convicção nunca admitirá que surja algo diferente dele. Por isso nem o nascer nem o perecer lhe concede *Dike* [justiça] afrouxando os laços, mas os segura bem firme. Em torno destas coisas não há outra decisão possível: é ou não é. E como foi necessário, o nosso julgamento foi portanto abandonar uma das formas porque impensável e inominável (e de fato não é o caminho da verdade), e que a outra é e é real. E como poderia o ser existir no futuro? E como poderia ter sido no passado? Porque se foi não é, e assim não é se deverá ser no futuro. Assim se extingue o nascimento e a morte desaparece (PARMÊNIDES apud MONDIN, 1998, p. 71, tradução nossa).

O ser é o objeto próprio da investigação metafísica. Nada está fora nem é maior do que o ser. Somente o ser é, fora do ser nada é. O ser é inato e imóvel; sendo sempre não nasce nem perece. O ser não pode nascer, porque seria o não-ser e o não-ser seria o nada, do nada nada pode surgir. Parmênides ensina que, para examinar esta questão, deve-se afastar do caminho da opinião que nasce das muitas experiências dos homens e debruçar-se apenas com o pensamento sobre a via que diz que é.

Analisando as virtudes do ser destacadas por Parmênides pode-se relatar que o ser é inato, imorredouro, íntegro, eterno, sem início e sem fim, perfeito, ‘não tem falta de nada’, completo, contínuo, imóvel, indivisível, sem partes, todo inteiro, penetra tudo, é todo pleno de ser. Conforme Parmênides “O ser não pode não ser completo, de fato não necessita de nada, porque se faltasse algo, faltaria tudo” (PARMÊNIDES apud MONDIN, 1998, p. 71, tradução nossa). O ser é descrito por Parmênides como uma esfera redonda, igual do centro a qualquer de suas partes.

Quanto ao problema do conhecimento, para Parmênides (apud MONDIN, 1998), existem duas vias que consentem ao homem chegar ao conhecimento das coisas, a via da razão que leva à verdade e a via dos sentidos e da experiência que leva à opinião. O conhecimento obtido através dos sentidos e da experiência se fixa na aparência e pretende testemunhar o nascer, o perecer, o mudar das coisas, isto é o seu ser e o seu não ser; esta via conduz à opinião (*doxa*), a qual é acompanhada do erro. Conforme elucida Mondin “a razão, que se regula segundo as exigências da lógica, conduz à certeza, que se faz acompanhar pela verdade. Esta é imutável, reta, infalível” (MONDIN, 1998, p. 69). Com esta posição Parmênides explicita que o proceder dos sentidos, da opinião, do cálculo sobre as coisas aparentes é a via da opinião, que não vai além do mundo da matéria, dos fenômenos, por isso não dá garantia de certeza, nem de verdade.

O filósofo grego Aristóteles, preocupado com o problema do conhecimento, desenvolve um método que possibilita a demonstração através da racionalidade lógica e evidência. Estabelece os princípios primeiros do pensamento, as regras primeiras através das quais procede o nosso raciocínio, pois a dificuldade na investigação da verdade pode não estar no objeto, mas em nós mesmos, em nossa razão. Aristóteles (2012) percebe que o desejo pelo conhecimento é uma tendência natural do ser humano e são os sentidos, em especial a visão, que contribuem para o conhecimento das coisas. Os sentidos são a principal fonte de conhecimento, mas não indicam a razão das coisas, por exemplo, através dos sentidos percebe-se que o fogo é quente, mas não o porquê o fogo é quente. A percepção sensorial, comum a todos, é fácil e não pode ser designada sabedoria. Sábio é aquele que conhece todas as coisas sem conhecer cada uma individualmente; é aquele que consegue compreender coisas difíceis. Sabedoria é o conhecimento de certas causas e princípios, e é através destes e a partir destes que outras coisas passam a ser conhecidas.

Além dos sentidos o ser humano desenvolve a faculdade da memória, e a partir desta adquire experiência. Pela experiência desenvolve a ciência e a arte. A arte é o conhecimento dos universais, enquanto a experiência é o conhecimento dos particulares. Pela experiência conhecemos diversos particulares, o que possibilita produzir um juízo universal, uma teoria relativa a objetos semelhantes. Se alguém conhece a teoria, mas não tem experiência poderá falhar na aplicação prática da teoria, porque conhece o universal, mas não conhece o particular. No entanto são mais sábios os artesãos do que os homens de mera experiência, porque os artesãos conhecem a causa e os segundos conhecem o fato, mas não o porquê. Do mesmo modo os mestres são mais sábios que os artesãos porque conhecem as razões das coisas, possuem uma teoria e conhecem a causa.

A busca pelo entendimento das causas e dos primeiros princípios não visa qualquer utilidade prática, é um estudo que tem por finalidade escapar da ignorância, é realizado por amor ao conhecimento e surge depois que todas as necessidades da vida já foram realizadas. A ciência que realiza este tipo de estudo é a filosofia e é a única ciência independente, pois existe por si mesma. O conhecimento das causas possibilita o conhecimento de cada coisa particular. Existem quatro tipos reconhecidos de causas: a essência ou natureza essencial da coisa, a matéria ou substrato, o princípio do movimento, e a finalidade ou bem (já que o bem é o fim que se quer alcançar). Na sua explanação sobre as causas o autor afirma que “nada é gerado ou destruído, visto que há alguma entidade que se conserva sempre e da qual todas as demais coisas são geradas [...] e aquilo de que uma coisa é gerada é sempre seu primeiro princípio” (ARISTÓTELES, 2012, p. 48).

Relativamente à investigação da verdade pode ocorrer que a dificuldade não se encontre nos objetos que são investigados, mas no próprio investigador, uma vez que a razão não vê as coisas mais evidentes. Para superar esta dificuldade deve-se utilizar o método adequado a este tipo de investigação. Quando o investigador depara-se com a dificuldade, a fim de suplantá-la uma boa medida é encarar completamente o assunto, pois a certeza decorrente é uma liberação intelectual das dificuldades precedentes. Segundo Aristóteles (2012, p. 83, grifo do autor) “a dificuldade do intelecto indica a presença de um *nó* no assunto, pois em sua dificuldade o intelecto acha-se na mesma condição que homens amarrados”, sendo impossível executar um passo adiante sem antes desfazer as amarras. Faz-se necessário primeiramente sondar todas as dificuldades, o que possibilita uma avaliação prévia das mesmas, conseguindo-se vislumbrar o próprio rumo. Conhecendo as teorias conflitantes o investigador está mais apto a julgar.

Dos tipos reconhecidos de causas, a essência, ou natureza essencial da coisa, conserva-se sempre, não pode ser gerada nem destruída, é eterna. O conhecimento da essência assemelha-se à sabedoria, pois, conforme Aristóteles (2012, p. 86, grifos do autor) “conhece mais aquele que conhece *o que é* uma coisa, do que aquele que conhece seu tamanho, qualidade ou capacidade natural de atuar ou ser objeto de ação”. E se conhece melhor uma coisa por ser algo do que por não ser alguma coisa, explica o autor: “todas as coisas tem que ser ou afirmadas ou negadas, é impossível simultaneamente ser e não ser” (p. 87). É possível conhecer todas as coisas na medida em que contém alguma característica que é singular e idêntica em todas, algo universal. Conhecer o tamanho, qualidade, capacidade de ação de uma coisa é próprio da matemática e da física, conhecer o que é, é objeto da filosofia primeira, ou metafísica. Estas três ciências são ciências especulativas, ou teóricas, as quais tem por objeto o necessário, que é aquilo sem o que a vida é impossível. Ao filósofo cabe especular o que é verdadeiro e o que é falso.

O conhecimento diz respeito primordialmente ao que é primário, àquilo que antecede todas as outras coisas. Se a substância é a coisa primária, é da substância que se deve apreender os princípios e as causas. Indagando se o ser e a unidade são substâncias das coisas existentes Aristóteles elucida que o ser e a unidade são os mais universais de todos os termos, assim deve-se supor que são substâncias, e

“se não há unidade absoluta ou ser absoluto, não é possível que nenhum outro conceito possa existir. [...] Se há ser absoluto e unidade absoluta, é extremamente difícil conceber como possa haver qualquer outra coisa além deles. Como podem as coisas ser mais do que uma, uma vez que aquilo que é algo além do que é não é [...] todas as coisas são uma, isto é, o ser” (ARISTÓTELES, 2012, p. 97).

Quando se busca os princípios e as causas supremas é do ser que se deve apreender os primeiros princípios e as causas supremas. E o mais certo de todos os princípios é a impossibilidade de simultaneamente ser e não ser, “é impossível pensar em qualquer coisa se não pensamos em *uma* coisa. [...] É impossível que ser *homem* deva ter o mesmo significado que *não ser homem*” (p.113, grifos do autor). Princípio é o primeiro movimento de uma coisa; o ponto de partida que dá origem a alguma coisa; aquilo que determina o surgimento de algo; aquilo a partir do que se começa a compreender alguma coisa. Comum a todos os princípios, elucida Aristóteles (2012, p. 132) “é ser o primeiro ponto a partir do qual uma coisa é, ou vem a ser, ou torna-se conhecida”.

O ser das coisas pode ser definido pela sua configuração, posição, ordem, lugar, tempo, atributos das coisas sensíveis, é, portanto, possui uma diversidade de sentidos. Por exemplo, a soleira de uma porta é uma soleira porque está posicionada de certo modo e *ser* uma soleira significa estar assim posicionada. Esclarece Aristóteles que se deve compreender os vários tipos de diferenças, pois estas diferenças são os princípios do ser das coisas.

Sobre a substância Aristóteles diz que ela é um princípio e uma causa. Quando se indaga a respeito da substância se busca conhecer a existência da coisa e o questionamento deve ser “Porque a *matéria* é uma coisa individual? [...] Assim o que buscamos é a causa, isto é, a forma em virtude da qual a matéria é uma coisa definida, sendo isso a substância da coisa” (ARISTÓTELES, 2012, p. 213). As coisas compostas são constituídas de elementos de tal modo que o todo é uma unidade, porém esta unidade não é apenas a agregação dos elementos, mas é alguma coisa mais. Essa alguma coisa mais é a causa dessa matéria ser o que é, e esta é a sua substância, é a causa primária da existência de cada coisa. Aristóteles (2012, p. 214) acrescenta “todas as substâncias são constituídas em conformidade com a natureza e pela natureza, pareceria que a substância é essa natureza, que não é um elemento, mas um princípio. Um elemento é aquilo que está presente como matéria numa coisa e no que ela está dividida, por exemplo, *a* e *b* são os elementos da sílaba”.

A disciplina que aborda o ser é a ontologia. Segundo Meneghetti (2015) ontologia é o tratado que estuda e descreve o ser, o ente em todos os seus aspectos, é o conhecimento do ser em todos os seus atributos e modos de adaptação. É a abordagem daquele conhecimento elementar que dá o sentido: é ou não é, e é inútil falar do que não é. Ontologia refere-se a primeira causa que dá a garantia da certeza, da exatidão, é o fundamento que faz a existência. Os modos da racionalidade humana ou são fundados no ser, ou não tem sentido. Nas palavras de Meneghetti (2015, p. 34) “a mente humana deve começar a entender o que é, é necessário tentar isolar este ‘fantasma’ que substancia qualquer coisa”. A ontologia trata da base de

conhecimento simples, concreto, único, a partir do qual se desenvolvem todas as especificidades das ciências.

A argumentação de Meneghetti em torno do tema ontologia inicia com a elucidação sobre o núcleo fundante do ser humano, o elemento primordial presente em todas as ações humanas, no modo de existir, de ver, de tocar, de saber, de duvidar. Na racionalidade e experiência humana há um dado primordial “que não é constituído pelos sentidos, pela matéria, ou pelo sujeito, mas pelo ‘é’: ou é, ou não é” (MENEGHETTI, 2015, p. 33), antes de qualquer coisa se é.

Para fazer racionalidade ontológica Meneghetti esclarece que se deve partir do primeiro princípio: o ser é, o não ser não é; “o ser é, e quando é não pode não ser” (p. 21). Compreendendo este princípio se transpõe tudo o que é fenomênico, transcende-se as aparências, os acessórios, para chegar “a um ponto que substancia causalmente todos os outros pontos. Trata-se de superar tudo o que é a percepção sensorial, até mesmo a própria consciência, o próprio modo de conhecer, falar etc. [...] Fazer racionalidade ontológica significa encontrar aquele ponto que intenciona sem ser fenômeno”. (MENEGHETTI, 2015, p. 19-20).

O autor expressa que pelo estudo e compreensão da racionalidade ontológica se chega a uma coerência de lógica racional, evade-se do discurso obsessivo e da contradição que prevalecem sempre que se inicia uma análise ou pesquisa, e que demonstram a perda do ponto que substanciou e motivou aquela busca ou pesquisa. Para o autor “racionalidade ontológica significa possuir a técnica intelectual-racional conexa com a lógica que o ser opera tanto universalmente quanto em cada existente que aparece” (MENEGHETTI, 2015, p. 21).



### 3 A PSICOLOGIA HUMANISTA EXISTENCIAL

A fim de dar um delineamento inicial à psicologia pode-se retomar o significado que os antigos filósofos atribuíam aos termos logos e psique. Logos era entendido como o liame, a ligação com o Cosmos, com o todo, o que dá a dimensão de totalidade a um discurso tornando-o inteligível. De acordo com Spinelli (2012) para os pré-socráticos logos significava a alma do Mundo. Segundo Spinelli (2012, p. 181, grifos do autor) “*logos* é o que torna manifesto e, portanto, inteligível, uma qualidade ontológica do princípio vital. [...] É a expressão de uma *inteligência* cósmica operante, que arquiteta, da tensão e oposição de contrários, a ordem ou harmonia do Todo”. Logos é a inteligência do Cosmos, é a demonstração da sabedoria da natureza.

Psique, para estes filósofos, é o princípio vital, um princípio de harmonia (harmonia é a unificação de muitos elementos), o princípio motor. A psique é a revelação metafísica da combinação proporcional da ordem cósmica, na qual inúmeros elementos estão unidos entre si, segundo proporções convenientes. Menciona o autor “psique contém a ideia de movimento contínuo, permanente e eterno: é um vigor, uma força, uma vitalidade unificante e criadora” (SPINELLI, 2012, p. 118,). É um princípio de animação ou intenção vital; complementa Spinelli (2012, p. 126) “um princípio em virtude do qual um ente vive e cumpre suas operações de vida: quer uma intenção biológica, quer, no caso humano, uma intenção ou atividade de consciência, inteligente ou racional”.

Basta tomar a palavra psicologia, no sentido dos termos dado pelos grandes filósofos clássicos para perceber a grandeza e importância desta ciência e compreender quanto o uso e direcionamento atual, apenas como ciência descritiva dos fatos, dos comportamentos, dos fenômenos, está distante desta grandeza.

Quanto à necessidade de dar novamente um fundamento ontológico à psicologia moderna muitos autores chamam a atenção para o problema, como preâmbulo a este estudo analisa-se o posicionamento dos psicólogos da Terceira Força da psicologia, a Psicologia Existencial, pois estes compreenderam que a psicologia, como as demais ciências, desenvolveu conquistas técnicas relevantes, mas com isso reprimiu a consciência do ser, a consciência ontológica.

O psicólogo existencialista Rollo May constata que no mundo ocidental ocorre uma repressão do sentimento do ser, o sentimento ontológico, devido à excessiva valorização da técnica, ocasionando um processo de perda da autoconsciência. Para o autor “na falta de alguns conceitos sobre o ‘ser’ e o ‘não ser’, o homem não é capaz de compreender nem mesmo a maioria de seus mecanismos psicológicos” (MAY, 1988, p. 18). Falta uma estrutura fundamental na qual se basear para dar realidade psicológica aos termos psicológicos sobre os quais se discute. May argumenta que as forças e dinâmicas psíquicas sistematizadas pela psicanálise só são relevantes em nível técnico descritivo, e admite que existem muitas lacunas na concepção que os psicólogos modernos fazem sobre o ser humano.

Como proposta alternativa à psicanálise que, para May, descreve os mecanismos e fenômenos psicológicos desvinculados do contexto, causando uma desintegração da imagem que o homem moderno tem de si mesmo, apresenta o enfoque existencial. No entendimento do autor, os existencialistas procuraram analisar os temas fundamentais da natureza humana a fim de criar uma base para os sistemas terapêuticos específicos, buscaram analisar a estrutura da existência humana. O existencialismo é a forma de compreender o homem evitando a dicotomia entre sujeito e objeto. Para o autor “a questão crucial será sempre o fato de que eu existo neste dado momento no tempo e no espaço” (MAY, 1988, p. 53, grifos do autor). As dinâmicas psíquicas, mecanismos, padrões de comportamento, substâncias químicas que compõem o homem são aspectos interessantes, porém não são essenciais. May (1988, p. 54) elucida que “a procura das essências pode produzir leis universais significativas para a ciência”. No entendimento de May a terapia existencial considera importantes os dinamismos e padrões comportamentais, mas estes só fazem sentido quando analisados no contexto total da pessoa no momento presente, e acrescenta que “o caráter distinto da análise existencial é estar ela relacionada com a *ontologia*, a ciência do ser [...]” (MAY, 1988, p. 99).

May expressa seu entendimento sobre o ser nestes termos:

A palavra *ser* é um particípio, uma forma verbal que implica em alguém estar passando por um processo de *ser alguma coisa*. Seria necessário que o termo *ser* fosse assimilado, quando usado como substantivo comum, em seu sentido de *potentia*, a origem da potencialidade; *ser* é a potencialidade pela qual a semente se torna uma árvore ou cada um de nós se torna aquilo que realmente *é* (MAY, 1988, p. 105, grifos do autor).

Quando trata sobre a descoberta do ser May faz distinção entre o ego e a experiência do “Eu sou”. Sobre o ego o autor esclarece que este é um reflexo do mundo exterior e é apenas uma parte da personalidade, já a experiência do Eu sou é pré-condição para o

surgimento do ego; é uma experiência total do indivíduo, é uma capacidade de ver a si mesmo como ser no mundo. Como propõe o autor “o ego é o *sujeito* na relação sujeito-objeto; o sentimento de ser ocorre num nível anterior a essa dicotomia” (MAY, 1988, p. 114, grifo do autor).

O psicólogo e psicoterapeuta humanista-existencial Rogers (1982) reconheceu que ainda precisavam ser descobertas leis que permitissem a compreensão total da personalidade e do comportamento humano, pois aplicando na prática clínica as teorias e leis existentes o resultado esperado nem sempre sucedia. Em alguns casos o processo terapêutico produzia os efeitos desejados, em outros, aplicando-se as mesmas teorias e técnicas, o efeito não se verificava, permanecendo a cura ou resolução do sintoma ainda um mistério.

Quando Rogers descreve o fim último da psicoterapia centrada no cliente afirma que é “tornar o homem um organismo humano” (ROGERS, 1982, p. 105). No entendimento do autor, à experiência visceral e sensorial, comum a todo o reino animal, acrescenta-se a tomada de consciência, da qual apenas o ser humano é capaz. Tem-se assim um organismo consciente das próprias exigências e necessidades fisiológicas, consciente das exigências sociais e da cultura, consciente da necessidade de relações de amizade e de engrandecimento pessoal. Rogers faz a seguinte descrição sobre o fim da psicoterapia:

quando esta capacidade única de ser consciente que o homem possui funciona de forma livre e integral, vemos que temos diante de nós, não um animal que devemos temer, não uma besta que devemos controlar, mas um organismo capaz de alcançar, graças à notável capacidade integrativa do seu sistema nervoso central, um comportamento equilibrado, realista, valorizando-se a si mesmo e valorizando o outro (ROGERS, 1982, p.105).

Rogers supera a visão pessimista do homem, que predominava na sua época, e que concebia o homem dotado de um inconsciente constituído por instintos destrutivos, irracionais, sociais, que precisam ser controlados e dominados, e reconhece que o íntimo da natureza humana é positivo, afirmando que no interior do homem existe um núcleo de positividade, de sociabilidade, dirigido para a evolução e desenvolvimento. No entanto, falta-lhe compreender a psique, o princípio vital, o princípio motor que constitui o homem. Mesmo quando descreve o processo terapêutico refere-se exclusivamente ao aspecto fenomênico, sem adentrar no númenon. Rogers refere-se ao íntimo da natureza humana vendo-o como um elemento corpóreo, não considera este íntimo como um princípio metafísico, somente essência. Embora o autor refira que a finalidade, o objetivo final da vida seja torna-se aquilo que se é, e faz menção passageira ao ser de Lao-Tse, não chega a compreender a radicalidade do ser.

Maslow (1962) por sua vez, concebe o homem dotado de uma essência, alicerçada biologicamente, a qual é intrínseca, dada e invariável. O homem, além de sua constituição biológica, possui uma natureza interna primordialmente boa. Esta natureza interna ou essência não é dissociada do biológico e é, em parte, singular em cada pessoa e, em parte, universal na espécie. O autor considera a possibilidade de estudar cientificamente essa natureza interna, para descobrir o que o homem realmente é em seu âmago e chama de “consciência intrínseca” a percepção que cada um tem das próprias capacidades, da própria “vocação na vida” (MASLOW, 1962, p.31). O indivíduo deve ser fiel a sua intrínseca natureza e não renunciar a seus talentos inatos, caso renuncie, em seu íntimo profundo, o indivíduo percebe o mal que fez a si mesmo e despreza-se por isso, imputando-se uma autopunição que resulta em neurose. É a negação ou desconhecimento do princípio que constitui o humano que produz o mal, a distorção, a neurose, a doença. O mal não é intrínseco à essência do homem, somos neuróticos na medida em que carecemos do nosso eu originário.

Maslow descreve o crescimento, o desenvolvimento saudável, não simplesmente impulsionado para a satisfação de necessidades, que ele denomina motivação de deficiência, mas impulsionado para alcançar um grau de satisfação maior que o anterior, cujas novas experiências validam-se por si próprias e não por critérios exteriores. O impulso para o crescimento é autojustificante e autovalidante. Para Maslow (1962, p. 72) “as iniciativas e as escolhas são empreendidas por pura espontaneidade, de dentro para fora”, provindas do seu próprio ser. Continua o autor, “explorar, manipular, experimentar, interessar-se, escolher, deliciar-se, gozar, podem ser considerados atributos do puro Ser e, no entanto, levam ao Vir a Ser” (MASLOW, 1962, p 73). O vir a ser, ou tornar-se é a construção cotidiana de si mesmo, são as escolhas existenciais que conduzem ao desenvolvimento e à evolução pessoal. Para Maslow este processo de autoconstrução sofre a interferência de dois conjuntos de força que todo ser humano possui dentro de si: um conjunto que se apega à necessidade de segurança, com medo de se desenvolver, tendendo à regressão; e outro conjunto de forças que impele para a totalidade e a singularidade do Eu.

Maslow (1962, p.72) menciona o “perigo de uma Psicologia pura do Ser que pode tender para ser estática, não explicando os fatos do movimento, direção e crescimento. Uma vez que aí estamos, aí ficamos, e parece como se tudo o que um indivíduo poderá fazer é repousar, contente na perfeição.” A autoconstrução, a evolução, o crescimento dinâmico e contínuo são princípios da natureza, isto é, atributos do princípio do ser que constitui o humano, que não foram compreendidos por Maslow, portanto, a tendência à estagnação

decorrente de uma psicologia pura do ser não é uma possibilidade, pois contradiz este princípio que, mesmo sendo completo, é expansivo.

Maslow fez estudos sobre o que ele denominou *peak experience* ou experiências culminantes, momentos de felicidade e realização supremas, considerando-as como experiências, de indivíduos que atingiram um alto nível de maturação, saúde e realização pessoal, em que se vivencia a entrada em regiões mais elevadas da natureza humana, a entrada no puro Ser. A experiência culminante, segundo o autor, “é boa, desejável, intrinsecamente válida, perfeita, completa, provoca uma reação de reverência, encantamento, espanto, humildade, exaltação, devoção, [...] de rendição diante de algo verdadeiramente grande” (MASLOW, 1962, p. 110). Maslow (1962, p. 101) nomeou estes estudos de “Psicologia Positiva ou Ontopsicologia, pois se trata de seres humanos sadios e em pleno funcionamento e não apenas dos normalmente doentes”, chamou-a de Psicologia do Ser por se interessar mais pelos fins do que pelos meios.

Um dos aspectos estudados nas experiências culminantes refere-se à percepção e à cognição, foram verificadas características como a tendência a perceber os objetos como um todo, uma unidade completa, a percepção figura-fundo desaparece e torna-se tudo figura, o objeto é percebido em sua totalidade de Ser, em si e por si mesmo. Estas experiências são tão valiosas que a tentativa de descrevê-las ou comunicá-las reduz a sua dignidade e o seu valor. São experiências de introversão, quando se contata a própria essência e, se fosse possível verbalizar, descrever, racionalizar não seria mais essência, mas um fenômeno. Como essência, como princípio, o indivíduo está além das coordenadas de espaço e tempo e Maslow observou que nas experiências culminantes existe uma desorientação no espaço e no tempo, como se, em seus êxtases, o tempo parasse, ou passasse numa rapidez vertiginosa.

Nas experiências culminantes à uma aproximação da própria essência, do próprio ser. Os valores do Ser descritos por Maslow são: totalidade, perfeição, acabamento, justiça, vivacidade, riqueza, simplicidade, beleza, bondade, singularidade, desembaraço, alegria, verdade, autossuficiência. Conforme o autor “estes valores não são separados ou distintos, mas se fundem numa unidade, são todos facetas do Ser. [...] São a demonstração da fusão e unidade da trindade de verdadeiro, bom e belo. Os valores dentro da pessoa são isomórficos com os mesmos valores percebidos no mundo” (MASLOW, 1962, p. 112).

Os psicólogos humanistas deram um novo direcionamento à psicologia, que passou a descrever o homem a partir de sua positividade, de suas potencialidades. Perceberam que o inconsciente humano não é a sede de monstros e perversões, mas no seu íntimo a natureza humana é fundamentalmente positiva e boa. No entanto não alcançaram a concepção da

totalidade do ser descrita por Lao-Tsé e Parmênides, pois lhes faltava a filosofia. Chegaram a intuir que o homem possui um núcleo fundante que ainda precisava ser compreendido e expressaram que a psicologia iria evoluir a fim de abranger este conhecimento e esta nova força da psicologia se chamaria Ontopsicologia.

Meneghetti que teve uma séria formação clássica em psicologia expõe que “quando começou a ler as análises, os tratados de Jung, Rogers etc., notou logo que estes estudiosos falavam de psique, mas não sabiam o que era: a eles faltava completamente o conhecimento da enorme formação clássica referente ao que é a psique, a alma” (MENEGHETTI, 2005, p.36, tradução nossa). A formação clássica em psicologia, conforme descreve o autor dedicava o primeiro ano de estudos à denominada psicologia inferior, que abordava os sentimentos, as percepções, o contato, os sentidos, o corpo, a diferença entre a ordem vegetal, animal e humana. Nos anos subsequentes se estudava a psicologia superior que abordava os conceitos de pensamento, mente, alma, intelecto, faculdade e a análise, a descrição, a causalidade e a especificidade deste feixe de conhecimento, sendo esta a estrada para compreender o intelecto.

## 4 HUSSERL E A FENOMENOLOGIA TRANSCENDENTAL

O filósofo Husserl, no início do século XX, denunciou a crise das ciências europeias, uma vez que estas perderam o seu fundamento de sentido. Devido ao longo alcance e êxito das ciências positivas esta crise significa a crise da humanidade como um todo. Para Husserl a ciência é intrínseca ao homem, portanto, a crise das ciências é também uma crise espiritual e existencial.

### 4.1 A CRISE DAS CIÊNCIAS

Em seu tratado sobre a crise das ciências europeias Husserl (2012) esclarece que fala-se em crise quando a cientificidade, a metodologia e a finalidade de uma ciência tornaram-se questionáveis. O autor constata que, em sua época, não só a filosofia e a psicologia correm o risco de cair no ceticismo, irracionalismo ou misticismo, mas pode-se falar também de crise das ciências positivas como a matemática ou as ciências da natureza. Porém, para Husserl, a crise das ciências não significa questionar o seu rigor científico, as suas realizações ou resultados, mas remete ao “*enigma da subjetividade*” (HUSSERL, 2012, p. 3, grifo do autor). Remete ao que a ciência pode significar para a existência humana. Um conjunto de ciências que se reduzem aos fatos, pouco contribui para o desenvolvimento da humanidade genuína, esta é a sua crise. As ciências positivas abandonaram questões cruciais para o homem, como as questões acerca do sentido ou ausência de sentido da existência humana.

Considerar verdade científica apenas o que é objetivamente verificável, seja o mundo físico, como o espiritual, e considerar a razão, a inteligência o sem-sentido, poderia levar à falta de sentido da existência humana? É um questionamento colocado pelo autor.

Analisando o início das ciências modernas Husserl expressa que o movimento renascentista vira as costas para o modo de existir medieval e propõe a fundamentação da humanidade segundo o modelo da humanidade antiga, cuja essência é a forma de existir filosófica: o produzir-se a partir da razão pura, a partir da filosofia. Descreve o autor que buscava-se “configurar de novo todo o mundo humano circundante, a existência política e social da humanidade, a partir da razão livre, a partir das inteligências de uma filosofia universal” (HUSSERL, 2012, p. 5).

Esta nova filosofia teria seu rigor científico, sua metodologia seria a inteligência apodítica e todas as demais ciências seriam ramos não autônomos desta filosofia, que deveria responder a todos os problemas que pudessem surgir, problemas dos fatos ou problemas da razão. As questões metafísicas como as questões do conhecimento, dos valores genuínos, da ação ética, são problemas especificamente filosóficos e são colocados ao homem enquanto ser racional e ultrapassam o mundo enquanto universo de meros fatos.

No entanto, o método desta filosofia universal não conseguiu operar com resultados indubitáveis e o ideal da filosofia e do método começou a oscilar, chegando ao fracasso. Assim entram em crise todas as demais ciências, uma vez que foram fundadas como ramos da filosofia. Conforme esclarece Husserl (2012, p. 8) “é uma crise que não atinge as ciências especializadas nos seus resultados teóricos e práticos, mas que abala, contudo, de um lado a outro, todo o seu sentido de verdade”.

A descrença na Metafísica conduz igualmente à descrença na razão, razão que para os antigos significava verdade absoluta e se contrapunha à *doxa*, à opinião. O sentido do mundo, da história, da humanidade é abalado juntamente com o descrédito do sentido racional. Segundo Husserl (2012, p. 9) para o homem perder a crença na razão significa “perder a crença em si mesmo, no ser verdadeiro que lhe é próprio”.

#### 4.2 O MUNDO DA VIDA

Husserl se refere ao mundo da vida como “o fundamento de sentido esquecido da ciência da natureza” (HUSSERL, 2012, p. 38), apontando que já em Galileu ocorreu a substituição do nosso mundo da vida cotidiano - o mundo experienciável, efetivamente perceptível - pelo mundo matematicamente alicerçado das idealidades. Esta substituição foi transmitida aos cientistas fisicalistas dos séculos subsequentes.

Galileu foi também o herdeiro da geometria, porém esta geometria não era mais a geometria original. A geometria antiga, explica Husserl (2012, p. 39), também já “estava afastada das fontes originárias da intuição efetivamente imediata e do pensar originariamente intuitivo”, era já um ofício, uma técnica esvaziada de sentido. A agrimensura prática não opera com idealidades, mas com este pensar intuitivo originário. Esta operação pré-geométrica foi o fundamento de sentido para a geometria das idealidades e para a invenção do mundo ideal da geometria. Husserl denomina de “negligência funesta” o fato de Galileu não ter se perguntado pela operação que originalmente deu sentido e configurou a geometria ideal. A operação que inicialmente atuou sobre o mundo empírico e imediatamente intuível do qual se originou a idealização. Husserl ressalta que Galileu



não considerou o seguinte: o livre fantasiar transformador deste mundo e das suas figuras fornece tão só figuras empírico-intuíveis possíveis e não as figuras exatas; que motivações e que nova operação eram requeridas pela idealização que só então se mostrava propriamente geométrica. Segundo os métodos geométricos *herdados*, estas operações *não eram mais ativadas de modo vivo*, e ainda menos, então, reflexivamente elevadas à consciência teórica como métodos interiormente produtores do sentido da exatidão (HUSSERL, 2012, p. 39, grifos do autor).

Parecia óbvio que a geometria, com o seu perceber particular, imediatamente evidente, criaria uma verdade absoluta e aplicável. Esta obviedade, no entanto, era uma ilusão que não foi percebida por Galileu, começando, então, como afirma Husserl “a substituição da natureza pré-cientificamente intuível pela natureza idealizada” (HUSSERL, 2012, p. 39).

No entendimento de Husserl a roupagem dos símbolos, da ciência matemática da natureza, substitui o mundo da vida e faz com que se tome pelo verdadeiro ser aquilo que é um método em busca de um contínuo progresso das ciências. Esta roupagem faz com que o sentido próprio das teorias, ou do método, permaneça incompreensível. Deste ponto de vista, a ciência assemelha-se a uma máquina que produz resultados muito úteis e qualquer um pode aprender a manejá-la sem compreender o sentido próprio e a necessidade metafísica de tais realizações. Fazer ciência tornou-se uma tarefa mecânica, sem compreender nem o sentido originário, espiritual, nem o fim último, embora, no cientista, a faculdade de conhecer o verdadeiro ser em si, seja implicitamente inata.

A fim de recuperar a compreensão do início, da natureza intuível deve-se proceder através de um avançar e retroceder em ziguezague, como explica Husserl (2012, p. 46) “uma clareza relativa de um lado traz alguma elucidação do outro, o qual, por seu turno, se reflete de novo sobre o lado contrário”.

Fazendo uma introdução ao significado do mundo da vida Husserl elucida que tudo que se expõe nele possui uma corporeidade, embora não seja um mero corpo, pois possui propriedades espirituais, psíquicas ou outras. Utilizam-se os órgãos da percepção para conhecer a corporeidade das coisas concretas e nisto o corpo somático está inegavelmente implicado. Os órgãos da percepção exercem um papel constante no seu ver, ouvir, tatear etc., em conjunto com a mobilidade, a sinestesia. Somático não significa somente corpóreo, mas refere-se também a esta função sinestésica.

O homem na sua egoidade é concretamente somático, mas não só eu-sujeito completo, ou pessoa completa. O mundo, universo unitário dos objetos existentes, e o homem estão em relação mútua e ao viver nesta relação mútua no mundo o homem pertence ao mundo e este é

o seu mundo segundo a consciência. O homem é afetado por objetos pré-dados na consciência e volta-se para um ou outro objeto, segundo seu interesse, são, portanto, objetos temáticos.

No mundo da vida o homem é objeto entre objetos, mas também sujeito que experiencia, considera, valoriza. Atribui valor, validade segundo o que traz em si mesmo como aquisições anteriores, memórias etc., provocando múltiplas alterações no percebido, nas aparições, enquanto o mundo se mantém em modo unitário. O corpo somático está permanentemente no mundo da percepção de modo imediato e único no seu sentido originário e o eu está capacitado a dominar todas as percepções que chegam à consciência.

Se toma-se consciência de que se parte de certas obviedades, de certos pressupostos e penetra-se numa nova dimensão em busca de sentido e de validade destas obviedades, abre-se uma infinidade crescente de novos fenômenos, estes fenômenos são puramente subjetivos e não meras facticidades de processos dos dados sensoriais, são processos espirituais que exercem a função de constituir figuras de sentido. Para Husserl (2012, p. 91)

nenhuma ciência objetiva, nenhuma psicologia que tenha pretendido ser ciência universal do subjetivo, nenhuma filosofia tornou alguma vez temático este domínio do subjetivo ou tampouco o descobriu efetivamente. [...] Este é um domínio subjetivo inteiramente encerrado em si mesmo, que é, à sua maneira, que funciona em todo o experienciar, em todo o pensar, em todo o viver e, por isso, está em toda parte e indelevelmente presente, sem contudo ser jamais apreendido pelo olhar, jamais apreendido e compreendido,

A filosofia, como fundadora das demais ciências, e a psicologia, como ciência da subjetividade, não podem ignorar esta subjetividade que é o seu próprio fundamento. Questionando a obviedade dos pressupostos se percebe a unidade da vinculação de sentido e validade que perpassa todas as produções da mente. Uma verdade só pode se tornar compreensível na medida em que as funções transcendentais, as funções da subjetividade, pertencem a uma dimensão da espiritualidade viva. E pode tornar-se cientificamente acessível por um método de abertura apropriado. Ciência é uma realização espiritual humana que ocorre no mundo da vida, o mundo pré-dado no qual está contida toda a práxis vital do homem, tanto a práxis científica quanto a pré-científica (a vida prática quotidiana). O mundo da vida e tudo que nele ocorre é o substrato para verdades em si, das quais é possível aproximar-se sempre com novas abordagens. O cientista fisicalista quando está objetivamente interessado e em atividade científica, é a experiência relativa ao sujeito que fundamenta a validade teórica e funciona como fonte de evidência e fonte de confirmação. O mundo da vida pode ser de fato experimentado e intersubjetivamente confirmável através da evidência originária.

O método de acesso ao tema de estudo da ciência consiste numa diversidade de epochés, consiste na suspensão de validades que estão em execução, suspensão de enunciados lógicos que estão em uso. O primeiro passo do método, a primeira epoché é em relação às ciências objetivas, suspensão de qualquer tomada de posição crítica interessada na verdade ou falsidade de um conhecimento. Com esta epoché supera-se também aquela obviedade, nunca formulada cientificamente e que nunca conduziu a uma universalidade científica essencial, obviedade produzida por uma operação idealizadora das ciências objetivas, assim chega-se ao a priori universal, o do puro mundo da vida, com isso as ciências lógico-objetivas alcançam uma fundamentação efetivamente radical.

Dando um passo adiante no método Husserl aponta que é necessário viver despertos no mundo pré-dado, o qual é solo de toda e qualquer práxis, científica ou não. Viver desperto para o autor “é ser desperto para o mundo, ser constante e atualmente consciente do mundo e de si mesmo como vivendo no mundo, vivenciando efetivamente, realizando efetivamente a certeza de ser do mundo” (HUSSERL, 2012, p. 116). Para se alcançar este estado é necessária a decisão voluntária da pessoa. A segunda epoché, epoché universal, supõe colocar em suspensão também o mundo pré-dado, o mundo da vida, para entrar no universo do que é puramente subjetivo. A pura subjetividade passa a ser a concretizadora de validade. Através da epoché universal se vislumbra o horizonte universal da vida intencional, que é a produtora e detentora de sentido.

A terceira é a epoché transcendental ou redução transcendental da atitude natural, é a adoção de uma atitude acima da vida universal da consciência, acima da subjetividade individual. Como explica Husserl (2012, p. 123) com esta mudança de atitude consegue-se “libertar do vínculo interior mais forte e mais universal de todos e, por isso mais oculto, o vínculo da pré-doação do mundo” e descobre-se a correlação universal do próprio mundo e da consciência do mundo, pois o mundo pré-dado é um fenômeno, uma aparência do ser em si. Assim obtém-se a correlação plena do ente com a subjetividade, esta, como acentua Husserl (2012, p. 124), “como constituinte do sentido e da validade do ser”.

Para o autor a psicologia é a ciência que originalmente ocupa-se da subjetividade universal sendo, portanto, o caminho para a filosofia transcendental. No entanto, a psicologia moderna adotou como fundamento do seu método o modelo das ciências da natureza, tornando-se ciência objetiva concreta, movendo toda a sua construção teórica sobre o mundo empírico pré-dado, o mundo da vida natural. Está assim vinculada cientificamente ao que é descritível, nomeável, ao psíquico que é exprimível. Husserl (2012, p. 171) destaca que

“a psicologia não podia deixar de fracassar porque a sua tarefa, a de pesquisa da subjetividade concreta integral, só podia ser alcançada por um estudo radical, totalmente sem preconceitos, que não poderia então deixar de abrir as dimensões transcendentais subjetivas. Para isso eram manifestamente necessárias considerações e análise do mundo pré-dado [...], nas análises aqui requeridas, dever-se-ia partir das maneiras como as mentes são pré-dadas no mundo da vida”.

A psicologia considerou a mente num sentido igual a natureza corpórea, equiparando-se às ciências da natureza, mas deixando de abordar o que é essencialmente próprio a mente como tal. O trabalho da psicologia moderna não foi infrutífero, ela fez descobertas úteis sobre a mente humana, com objetividade científica. Contudo não alcançou a essência própria da mente, do ser psíquico, do ser em si, a essência da experiência interior que é acessível ao pesquisador-reflexivo através da percepção da própria interioridade ou auto percepção. Para o psicólogo chegar ao seu puro objeto de pesquisa, que é a pura mente, deve assumir no seu fazer profissional uma atitude permanente de pesquisador e ‘espectador desinteressado’ de si mesmo e de todos os outros, deve fazer uma epoché universal e radical. Deve abster-se de qualquer posição quanto às validades das pessoas colocadas em foco. Husserl (2012, p. 194, grifo do autor) afirma que “na originalidade primordial da sua própria vida e, a partir dela, ele tem os conviventes e as suas vidas, e, assim, cada vida se estende intencionalmente, com a sua intencionalidade própria, até a vida de cada um dos outros e todas, de maneira diversamente próximas e distantes, estão entrelaçadas numa vida comum”.

O primeiro tema para o psicólogo é a vida ativa da pessoa, a vida da consciência, o aspecto mais superficial que inicialmente se torna visível quando adota esta atitude de observador desinteressado. As profundezas intencionais se abrem progressivamente com a experiência, assim como o método em si e a conexão das coisas. Para Husserl (2012, p. 198) “somente pelo método puro consciente da epoché universal pode o ser em si e para si de um sujeito tornar-se, na sua integral concreção, campo temático”. Na epoché o mundo se torna fenômeno e o que resta não é um conjunto de mentes separadas, interioridades singulares, mas assim como há uma natureza universal, há também uma única conexão mental, todas as mentes estão unidas interiormente pelo entrelaçamento intencional da vida. Para as mentes, na sua essência, não há uma separação exterior, todas as mentes constituem uma única unidade de intencionalidade.

## 5 A ONTOPSICOLOGIA E O NEXO ONTOLÓGICO

O filósofo e cientista contemporâneo Meneghetti, ao longo de dez anos de intensa prática clínica, conduziu pesquisas sobre a atividade psíquica na sua causalidade primeira. Nestas pesquisas realizou três descobertas a respeito da constituição do ser humano: Em Si Ôntico, Campo Semântico e Monitor de Deflexão<sup>1</sup>, e desenvolveu e testou o método ontopsicológico, o qual permite conhecer o homem em sua totalidade, incluída a compreensão do ser. É um método para autenticar e desenvolver o homem criativo, o homem autorrealizado, e dá, também, solução ao problema do conhecimento, pois reporta a lógica do Eu à lógica do Em Si ôntico, que é o nexo do Eu com o todo.

Meneghetti (2004) ao abordar o tema psicoterapia ontopsicológica primeiramente retoma o termo terapia esclarecendo o seu significado originário: venerar, ocupar-se com zelo das pessoas queridas, dar atenção, cuidar, ter atitude de respeito e consideração aos valores interiores do outro. O autor esclarece que o sentido de terapia como cura de doentes, comumente usado, é uma usurpação do sentido original, feita recentemente pela medicina. A figura que mais se aproxima do psicoterapeuta em seu sentido originário são os padres espirituais, os profetas, os conselheiros espirituais no sentido de realizarem um serviço espiritual de cura das almas.

O objeto específico da psicoterapia é a intencionalidade psíquica do indivíduo. Intencionalidade psíquica é o comportamento da alma, o primeiro mover-se do pensamento e a base da motivação da existência humana. Conforme Meneghetti (2004, p. 91) compreender a intencionalidade psíquica significa “ver aonde a ação-alma vai, onde é impedida e como ajudar o seu percurso [...] sem jamais intrometer um mínimo de alheio à sua otimalidade”. A intencionalidade psíquica efetua a fenomenologia do indivíduo como intenção, emoção e soma em contexto histórico. Cada individuação é única e irrepitível e é aspiração em direção ao inteiro, ao uno. Quando a aspiração ao uno é, de alguma forma impedida, nasce o alheio, perde-se a identidade unitária e experimenta-se a angústia e a falta de sentido.

---

<sup>1</sup> Para aprofundamento sobre as três descobertas ver MENEGHETTI, A. Manual de Ontopsicologia. 4. ed. Recanto Maestro: Ontopsicologica Editrice, 2010.

A função da psicoterapia é reencontrar a identidade original, reconstruir a capacidade de ser uno; vinculado ao ato voluntário do indivíduo devolver a sua positividade funcional. Como elucida Meneghetti (2004, p. 94) “uma cura da alma, ou seja, psicoterapia exige uma compreensão psicológica (os processos lógicos da mente) e uma compreensão ôntica (os processos lógicos da mente têm um fulcro motivante e estruturante que os determina história metafísica, isto é, uma fenomenologia do ser, daquele ser que é uno).” Neste sentido a psicoterapia é ontoterapia - ter cuidado com o ser - e o estudo do ser na alma do homem é Ontopsicologia.

Com relação à possibilidade do conhecimento e à possibilidade de fazer ciência Meneghetti (2003a) menciona que não é possível investigar o real se antes não se conhece a si mesmo, e qualquer percurso científico é antes uma busca existencial. Toda problemática em relação ao conhecimento decorre da dissociação entre as lógicas racionais e o quântico existencial psicobiológico que cada um é. O núcleo que estrutura o orgânico psicobiológico do indivíduo, o núcleo da atividade psíquica, é o Em Si ôntico. Conscientizando o quanto se existe e conduzindo esta existência com progressiva funcionalidade, se chega ao íntimo do ser. Cabe à ontopsicologia fazer a reintegração da consciência sobre a informação organísmica, quando a razão coincide com o ser.

Meneghetti descreve o ser como o princípio que é apriorístico a qualquer existência, o primeiro movente, depois do qual o homem começa a existir. Para o autor “Ser é a palavra mais simples, mas mais terrível, pelo universo de sentido. Apenas se dá uma presença de realidade de qualquer tipo, de qualquer causa, em qualquer circunstância, não se pode proceder nem mesmo com o pensamento se não usamos o verbo ‘ser’” (MENEGHETTI, 2003, p. 62, tradução nossa). Nós existimos dentro do ser, mas a nossa racionalidade não é capaz de compreender este princípio.

O ser humano possui um núcleo, uma virtualidade que consente a participação no ser eterno. Cada indivíduo, antes de ser homem, antes de ser pensante, é um real capaz de refletir o ser que é. Todavia, para refletir com exatidão, é necessário primeiramente remover todas as opiniões culturais, religiosas, políticas, econômicas etc. O homem provém da natureza, possui intrínseca a ordem, a lógica da natureza, porém, ao invés de se conduzir segundo esta ordem, se guia pelos estereótipos sociais, quando exerce o seu voluntarismo se baseia sobre as leis societárias, com isso perde o princípio do ser, aquele princípio que é o princípio de tudo.

Meneghetti esclarece que a realidade em si não pode ser colhida. Para o homem o único real é aquilo que a inteligência, o próprio íntimo contata, entendendo por contato a experiência sensorial, como o Eu, o pensante, experimenta o ser. Para obter a exatidão do

conhecimento sobre o real é necessário autenticar-se, entrar naquele projeto íntimo que constitui cada individuação, conscientizar como a vida está projetando, superando todas as fenomenologias.

O homem é uma unidade de ação<sup>2</sup>, encontra-se no interior de um universo semântico e mede o real pelas variáveis endógenas, pelas reverberações que ocorrem no íntimo de si mesmo, mede as variáveis por como partem do íntimo daquilo que quer analisar. Meneghetti (2003a, p. 45) explica do seguinte modo: “da variabilidade de si pode-se saber qualquer coisa que está em relação consigo. Pode-se medir as relações que nos dizem respeito observando atentamente a variável intrínseca onde se existe. Não há outra autoridade ou outra certeza fora desse proceder”. Sendo contínua subjetividade é possível conhecer com exatidão.

A ordem que o real dá a cada momento denomina-se Em Si ôntico<sup>3</sup>. É este o critério para fundar qualquer ciência. Conforme indica Meneghetti (2003b) para fazer ciência é necessário um fundamento, um critério, um princípio que legitima o discurso. Existem dois gêneros de critérios para fundar qualquer ciência: o critério convencional e o critério de natureza. O critério convencional, ou opinião, é estabelecido pelo consenso de um grupo. Os cientistas estabelecem, convencionam um critério e a exatidão, ou objetividade da ciência é medida segundo a conformidade ao critério pré-estabelecido, não se busca o que é real, mas o que é conforme. Quanto ao critério de natureza Meneghetti (2003b, p. 119, tradução nossa) descreve que “o critério de natureza é uma medida que procede por evidência, responde a uma intenção de natureza e concretiza o objeto ou campo pré-escolhido. [...] Evidência significa a verdade daquele fato que nasce de mim que vejo, isto é, nasce do mesmo princípio através do qual se existe”.

O critério de natureza é o Em Si ôntico, é o fundamento, o princípio, o critério que legitima toda a Ontopsicologia. Observando a própria interioridade percebe-se que no íntimo do próprio organismo preexiste uma lei, uma ordem, uma intenção, uma predisposição colocada pela vida, que determina cada um de certo modo. É uma ordem apriórica, um fato que se dá antes de cada existente. Portanto, este critério não é um critério subjetivo, pois existe antes de qualquer subjetividade, mas para colhê-lo com objetividade deve-se ser permanente subjetividade.

Os homens fazem ciência usando o intelecto, a consciência que, segundo Meneghetti (2003a, p. 54) é “aquilo que é assim tão dentro a ponto de ler o íntimo de cada coisa e da

---

<sup>2</sup> Para aprofundamento sobre o conceito de unidade de ação ver MENEGETTI, A. O monitor de deflexão na psique humana. 5. ed. Recanto Maestro: Ontopsicologica Editrice, 2005.

<sup>3</sup> Ver MENEGETTI, A. Manual de Ontopsicologia. 4. ed. Recanto Maestro: Ontopsicologica Editrice, 2010.

relação entre as coisas”. Porém, na maior parte das vezes a consciência não é coincidente com o real, não é funcional para colher o princípio e a relação entre as coisas. Para recuperar a coincidência entre a consciência e o princípio é necessária a psicoterapia de autenticação. Para Meneghetti (2003a, p. 57) “verbalizar as possíveis implicâncias e variações do conjuntivo existencial, do psíquico ao matérico, é bastante ordinário, contanto que, quem reflete ou quem raciocina, experimente conscientemente o próprio ato que o faz ser ou não ser, ser de um modo ou ser de outro”.

Em relação às ciências, nota-se que nenhuma ciência parte de uma evidência para fundamentar os seus processos, todas partem de um pressuposto hipotético que é aceito pela sociedade. As ciências positivas são construídas sobre a percepção dos cinco sentidos. A partir do que os sentidos colhem é estabelecida uma linguagem, uma convenção. É possível conhecer adequadamente o objeto se todas as passagens, desde o estímulo externo até a tradução no cérebro e na consciência são exatas. Ocorrendo qualquer interferência nestas passagens o resultado é uma informação errada, distorcida do real. Quem pode certificar se são exatas todas as passagens que fazem a transferência das informações colhidas pelos sentidos? Meneghetti (2003a, p. 73) firma que “fazendo-se uma análise crítica em sentido de agudeza filosófica, não se pode dizer que se faz ciência”.

Para afirmar a capacidade, a faculdade, a autoridade do conhecimento é importante verificar o instrumento, o critério no interior de si mesmo (MENEGETTI, 2005). A causa primeira que pode garantir a certeza de ser, de existir, de conhecer, capaz de certificar o objeto como verdadeiro, é o intelecto. Meneghetti define assim o intelecto:

O intelecto é um ente e colhe por *intuição* (portanto não por representação): dentro ao dentro, íntimo ao íntimo, ser no ser, ser ao ser. A sua característica está na sua essência - ser - por isso conhece por intuição, porque o intelecto *intenciona* o que lhe é similar, igual. [...] No último ponto de conhecimento o sujeito afirma que o outro *é*. De cada coisa se diz que ‘*é*’. Portanto a especificidade do intelecto é aquela de *conhecer por ação interna de si mesmo no interno do outro*, do ser ao ser. O intelecto colhe por intuição *a presença do ente ou o verdadeiro*: não colhe além da presença do ser, e este é o verdadeiro ôntico. [...] O que o intelecto conhece é a localização do ser. [...] O sujeito não crê porque tocou com a mão ou porque viu: é igual a evidência como saber de existir; cada um sabe que existe e isto é consciência do ser. *Saber* de existir é a primeira posse, a primeira eceidade sem fenômenos, é todo dentro, não tem passagens ou instrumentos, é o ente que se autorreflete, se autovê, se autodiscrimina, se autodiferencia. [...] É uma evidência interna, não tem necessidade de demonstração ad extra: o sujeito sabe o que é e é o que sabe (MENEGETTI, 2005, p. 45- 47, grifos do autor, tradução nossa).

A consciência humana começa o processo do conhecimento através do contato físico-sensorial com o objeto enquanto ente histórico e conclui o processo por intuição intelectual. O ente histórico se diferencia nos vários objetos e o intelecto colhe a diferença. Após o contato,



após o impacto o intelecto realiza uma abstração de todos os elementos acessórios, chegando ao último constituinte do objeto e formaliza a identidade histórica daquele ente, o individua, o distingue, o reconhece. Meneghetti (2005, p. 59, tradução nossa, grifo do autor) ressalta que esta é “uma passagem importante: o intelecto, depois de ter recebido, se exprime e é exatamente este o ponto em *que cria a palavra, a forma mentis*, a imagem, a cifra, o símbolo. [...] Esta é uma capacidade espiritual”. O homem não conhece o objeto como ele é em si mesmo, mas como é em relação ao homem cognoscente. Uma coisa é verdadeira quando é igual ao intelecto do homem, não quando é igual às suas opiniões, à sua fé, às suas ideologias. O que conhece é real porque o homem é real. Esta é a passagem, a possibilidade prevista pela norma da natureza, mas a exatidão do processo cognitivo não se verifica nos seres humanos. O que se verifica é que a sua consciência é alterada, separada do intelecto por causa da interferência do monitor de deflexão<sup>4</sup>. A consciência não contata o Eu originário devido a interferência deste mecanismo cerebral denominado monitor de deflexão. O mecanismo introduz um mínimo sinal que causa a distorção das percepções provenientes dos sentidos. Modifica a informação que chega à consciência, manipulando as operações lógico-mentais do sujeito. Meneghetti (2003b, p. 463, tradução nossa) explica que “este mecanismo não consente ao ser humano entrar no total do seu potencial natural, e impede a transcendência à essência original”.

Segundo Meneghetti (2003b), não só as ciências positivistas, mas inclusive a filosofia, são incapazes de alcançar o real em si, o mundo da vida. O homem procurou fazer ciência buscando a verdade no objeto, quis fazer a busca do ser através do objetivismo fisicalista, com a estrutura das coisas, e não com a dimensão da razão da qual o homem é dotado. Para colher o primeiro real, para saber as coisas junto com o mundo da vida deve-se antes superar todas as aparências, todas as fenomenologias, fazer contínua epoché. Com isso se chega à substância, à causa do seu ser, chega-se ao ponto de partida. Meneghetti (2003b, p.458) explica que a substância é “um formal psíquico, uma realidade intencional”, aquilo que sustenta, mas que não se vê diretamente. Pode-se ver os seus efeitos e a partir destes se sabe a causa. É possível recuperar a substância intencional depois de realizar diversas epochés, subtraindo os fenômenos, as imagens, os comportamentos, se chega à essência.

Os pensamentos, complexos, memórias, voluntarismo, operações lógico-rationais, consciência, reflexões são fenomenologias e não é através delas que se alcança aquele princípio que constitui o mundo da vida. Vidor (2013) complementa esclarecendo que ao

---

<sup>4</sup> Sobre o argumento ver MENEGETTI, A. Manual de Ontopsicologia. 4. ed. Recanto Maestro: Ontopsicologica Editrice, 2010.

cientista é necessário fazer um exame dos aspectos subjetivos, pois as suas convicções, ideologias, complexos, crenças, alteram sua consciência, interferindo na exatidão do conhecimento que produz. Corrige-se a consciência e se recupera a capacidade de conhecer com exatidão fazendo diversas epochés, diversas suspensões para chegar novamente ao princípio originário da vida. Para conhecer qualquer coisa o cientista deve partir da exatidão de si mesmo.

O que possibilita colocar em relação o símbolo, a idealidade e a causa originária é o nexos ontológico. Meneghetti (2003b, p. 461), expressa que nexos “é aquela passagem onde o pensamento coincide com o mundo da vida”. Quando as elaborações lógicas da racionalidade de quem vê coincidem com o real do objeto, ideia e objeto são idênticos. Este nexos é o Em Si ôntico, é o eu originário, o ponto que faz a unidade entre fenômeno e originário da vida. É o agente que possibilita a reversibilidade entre real e símbolo.

Nesta mesma perspectiva Vidor (2013, p. 133) coloca que “o Em Si ôntico se faz de elo intersubjetivo porque está em nexos com os demais: quando alguém revela o eu verdadeiro de si entra em ressonância com o eu verdadeiro de outros disponíveis, todos se reconhecem um e, através dessa percepção, acontece a evidência do ser”. O ser humano acontece em um universo e está em interação com o todo, o Em Si ôntico é o fulcro que mantém tudo em contato, a raiz individual do mundo da vida, existe coincidência entre a interioridade individual e a interioridade ambiental.

O homem existe na natureza, no mundo da vida, existe dentro do ser. Colhendo plenamente o Em Si ôntico, que é o projeto de natureza, o princípio da vida, que constitui cada individuação, o homem tem a possibilidade de entrar na inteligência do ser, da lógica individual tem acesso à lógica do ser. Como refere Meneghetti (2003b, p. 61) “conscientizando o quanto se existe e organizando em funcionalidade progressiva, se entra com autoridade no íntimo do ser”. Aprendendo como se é no próprio íntimo entra-se na sabedoria do universo.

## 6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A tentativa de fazer da psicologia uma ciência segundo a lógica das ciências positivistas, cujo fim é a compreensão dos fenômenos, ou seja, o conhecimento objetivo dos acontecimentos e das relações funcionais entre estes acontecimentos, sem questionar as causas primeiras, fez com que a psicologia se afastasse da lógica subjetiva do pensamento filosófico. Conforme ensina Aristóteles, princípio é o que determina o surgimento de alguma coisa, para compreender o homem em sua totalidade é necessário encontrar e compreender o princípio que lhe dá origem. Se a metafísica é a ciência que estuda os primeiros princípios, à psicologia, a fim de compreender o seu objeto de estudo, a psique humana, é imprescindível remontar à metafísica ou à ontologia.

Os psicólogos entendem e admitem que a mente do homem vai além da sua consciência, denominam este além de inconsciente. Admitem ainda que o inconsciente é a parte mais significativa da mente e que exerce grande influência nos comportamentos humanos, mas o inconsciente conhecido pela psicologia é apenas um fenômeno, não é a essência da psique, a essência da mente humana. Uma vez que não superam o aspecto fenomênico não alcançam a causalidade primeira, o primeiro princípio, seja da consciência que do inconsciente, que é o ser. É a carência deste entendimento que determina a falta de compreensão da vasta complexidade do humano.

Os psicólogos humanistas apontaram para a necessidade da quarta onda da psicologia, perceberam que as correntes existentes não davam resposta à totalidade do entendimento da natureza humana. Maslow expressa abertamente que enquanto estudava as experiências culminantes destruíram-se muitos dos axiomas e leis da psicologia longamente utilizados, e que se sentiu constrangido frente ao que faltava para explicar os eventos que observava.

Embora não tenha sido abordada com profundidade neste estudo a análise retrospectiva que Husserl faz sobre o fundamento “óbvio” do qual partiu Galileu e que influenciou toda a ciência a partir de então, esta obviedade da qual, em geral, se parte, no final causa a grande distorção que hoje se vivencia, uma ciência, que mesmo promovendo progresso, não está mais a serviço do humano. A ciência como um todo e em particular a psicologia perdeu o sentido originário da vida.

A Ontopsicologia procura recuperar o ponto de origem que projeta as fenomenologias e coloca neste ponto de origem um elemento ontológico, que é o ser, para poder iluminar a forma de elaborar a fenomenologia. Este é o nexu ontológico. Recuperando aquele ponto, o princípio universal de todas as fenomenologias, de todas as substâncias recupera-se a lógica da vida, a lógica da natureza, com a qual todas as substâncias estão em conformidade.

Husserl, com a sua fenomenologia transcendental, desenvolveu o método das epochés para encontrar o fundamento do saber. Meneghetti, com a Ontopsicologia desenvolve um método para poder revisar o Eu fictício, o Eu esquematizado e tornar o Eu autêntico. Quando o Eu, inserido no contexto e por necessidade de adaptação assimila a cultura, as ideologias, a educação e se fixa nos valores provenientes do externo, perde o contato com a própria identidade, com o Em Si ôntico, ao perder este contato constrói uma vida sem sentido. Ou o homem segue a tradição, a cultura construída pelo sistema, ou então, com extremo zelo, se põe na escuta de si mesmo e encontra o movimento vital a partir de si. A Ontopsicologia é um método que possibilita remover, ou suspender os juízos que o sujeito faz sobre si mesmo e que não coincidem com o que ele realmente é no seu íntimo, com o seu Em Si ôntico, devolvendo-lhe o sentido do ser. O Em Si ôntico é o nexu ontológico, do próprio ponto ôntico o homem reencontra o uno, que é único em tudo.

A partir das psicologias existentes, usando os instrumentos da Ontopsicologia como meios de passagem para encontrar o Em Si ôntico, que é a ontologia, esta então se torna o ponto de iluminação, de irradiação da exatidão das psicologias. A consciência do homem não é reversível com o real e cabe à psicologia fazer a correção da consciência para obter a exatidão do conhecimento, colocando novamente em relação as idealidades e a causa originária, recuperando-se a Ontologia.

A vida possui uma lógica, quando se tem o preparo para perceber esta lógica, encontra-se o fio para colhê-la. Este fio, esta lógica foi perseguida e encontrada nos diversos autores analisados. Há um ponto em comum, que toca dentro, que causa emoção, um ponto que é eterno e universal, que faz o nexu ontológico.

A proposta deste trabalho foi realizar uma abordagem teórica sobre o tema, no entanto, tornou-se também uma atividade experimental e vivencial no sentido exposto por Husserl de um contínuo ziguezague, avançando e retrocedendo. Ao fazer o primeiro contato com determinado autor teve-se certa compreensão, avança-se para os demais autores previstos no estudo, retorna-se aos autores já estudados a fim de complementar algumas passagens. Neste retornar a compreensão se amplia, percebe-se aspectos que passaram despercebidos e a perspectiva bastante rasa inicialmente, começa a se aprofundar. Meneghetti expõe esta

construção de modo circular, sou, sei, faço. Ao iniciar o estudo se é de um modo, sabe-se algumas coisas e começa-se timidamente a fazer as primeiras construções, com isso amplia-se aquilo que se é. Deste ponto ampliado de si mesmo prossegue-se, a compreensão se alarga e o trabalho, ainda timidamente, começa a ganhar corpo. No início o empenho é árduo, à medida que se avança, como um rio que ao longo do percurso se avoluma, o eu se amplia e os obstáculos pouco a pouco são superados.

A análise proposta por este trabalho não foi uma abordagem completa e profunda dos conceitos e dos métodos propostos pelos autores a fim de chegar novamente ao Eu originário, que não só é o verdadeiro objeto da psicologia, como dá a possibilidade de fazer filosofia e ciência verdadeira. A partir do entendimento do ser, do Eu sou, do princípio que constitui o homem, chega-se ao nexo ontológico. A psicologia deve fazer a passagem do Eu fictício, do Eu esquematizado, do Eu construído pelo sistema ao Eu originário, e a filosofia dá o nexo ontológico, principalmente aos cientistas, que, ao fazer ciência, devem ser operadores deste nexo ontológico.

O estudo foi um belo percurso para o entendimento da pura racionalidade e subjetividade e para a compreensão da unicidade que coloca todas as coisas em conexão, dando assim a possibilidade de conhecê-las. Um percurso que possibilita, a cada um que se dispõe a percorrê-lo, ampliar a capacidade de compreensão. Não se pretende afirmar que se chegará a compreensão do ser universal como descreve Meneghetti, mas certamente levará a compreensão mais aguda e profunda do próprio objeto de interesse, no campo do conhecimento que cada um já se dispôs a estudar e atuar.

## REFERÊNCIAS

- ABBAGNANO, N. **Storia della filosofia: la filosofia antica, la patristica e la scolastica**. v. 1. Turim: UTET, 2009.
- ARISTÓTELES. **Metafísica**. 2. ed. São Paulo: Edipro, 2012.
- HUSSERL, E. **A crise das ciências europeias e a fenomenologia transcendental: uma introdução à filosofia fenomenológica**. Rio de Janeiro: Forense, 2012.
- LAO-TSE. **Tao te ching: o livro que revela Deus**. São Paulo: Martin Claret, 2011. 4 reimp.
- LAO-TSE. **Tao te king**. Blumenau: Eko, 2007.
- MASLOW, A H. **Introdução à psicologia do ser**. Rio de Janeiro: Eldorado, 1962.  
Disponível em: <<https://psicologiaespirita.files.wordpress.com/2016/04/abraham-h-maslow-introduc3a7c3a3o-c3a0-psicologia-do-ser.pdf>> Acesso em: 12 abr. 2016.
- MAY, R. **A descoberta do ser**. Rio de Janeiro: Rocco, 1988.
- MENEGHETTI, A. **Genoma Ôntico**. 2. ed. Recanto Maestro: Ontopsicologica Editrice, 2003.
- MENEGHETTI, A. **Intelletto e Personalità**. Roma: Psicologica Editrice, 2005.
- MENEGHETTI, A. **Manuale di Ontopsicologia**. 3.ed. rev. aum. Roma: Psicologica Editrice, 2003.
- MENEGHETTI, A. **O Em Si do homem**. Recanto Maestro: Ontopsicologica Editrice, 2004.
- MENEGHETTI, A. **Racionalidade Ontológica**. Recanto Maestro: Ontopsicológica, 2015.
- MONDIN, B. **Storia della metafísica**. v 1. Bolonha: Studio Domenicano, 1998.
- ROGERS, C. R. **Tornar-se pessoa**. 6. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1982.
- SPINELLI, M. **Filósofos pré-socráticos: primeiros mestres da filosofia e da ciência grega**. 3. ed. Porto Alegre: Edipucrs, 2012.